

Escravidão e resistência no Maranhão: anúncios e fugas escravas no século XIX

Régia Agostinho da Silva
Universidade Federal do Maranhão
São Luís – Maranhão – Brasil
ruaformosa@hotmail.com

Resumo: O artigo discute a resistência escrava no Maranhão na segunda metade do século XIX, centrando-se nas fugas noticiadas pelos jornais do período, principalmente *O Publicador Maranhense*, *A Imprensa* e *O Século*. O objetivo central é analisar, através dos periódicos, a fuga como estratégia de resistência dos escravos neste período.

Palavras-chaves: Escravidão, Maranhão, Fugas, Imprensa.

A construção da liberdade escrava não se deu apenas pelos discursos inflamados dos abolicionistas, mas também e principalmente se teceu pelos próprios cativos que nunca, em nenhum momento do regime escravista no Brasil, aceitaram passivamente a escravidão. No período em que estudamos, a segunda metade do século XIX no Maranhão, encontramos, ao longo de todo o período, anúncios de fugas escravas na província. Anúncios que nos chamaram a atenção pelo caráter que, em nosso entendimento, têm da não aceitação da escravidão pelos próprios cativos (CHALHOUB, 1990).

Ao contrário do que algumas falas antiescravistas ou abolicionistas colocavam, não eram os escravos vítimas passivas da escravidão, seres não pensantes, apenas levados de um lado para o outro ao sabor dos ventos e dos discursos. Os anúncios de fugas escravas, embora, como bem apontou Lília Schwarcz (1987), nos dizem muito a respeito de como os senhores representavam os cativos, também podem nos dar pistas valorosas de como os próprios cativos construía seu mundo.

É sobre essa forma de resistência escrava e de construção de liberdade que iremos nos deter aqui, pautados em vários jornais maranhenses da segunda metade do século XIX. No entanto, antes de adentrarmos nas fugas em si, vamos fazer um breve histórico da escravidão no Maranhão na segunda metade do século XIX.

Escravidão no Maranhão

Segundo Mário Meireles (2001), a introdução de escravos africanos no Maranhão talvez tenha se dado depois de 1661, informação esta baseada numa carta do padre Antônio Vieira, que defendia a importação de escravos africanos para melhorar a situação de miséria em que se encontravam os colonos. Vindos da Guiné e de Angola, Meireles calcula que, por volta de 1779, a população do Maranhão era estimada em 78.860 habitantes, sendo a parcela de negros africanos de 40, 28%, quase a metade da população; o número de mestiços era de 23,53%, e os brancos de 36,19%. Portanto, a população maranhense, no fim do século XVIII e início do XIX, era, em sua maioria, negra ou mestiça.

Com a fundação da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão em 1755, justamente para facilitar e incrementar a entrada de negros africanos nessa região para trabalhar nas lavouras algodoeiras, calcula-se que entre 1757 e 1777, 12.587 africanos escravizados entraram no Maranhão. Segundo Jalila Ayoub Ribeiro (1990), no período de 1812-1820, entraram, no Maranhão, vindos da costa africana ou de portos brasileiros, 36.356 escravos. Sem contar os que, vindos da Bahia, entraram ilegalmente ou por terra.

A economia maranhense era praticamente agrário-exportadora, baseava-se na cultura do algodão e do arroz, porém, esta em menor escala, e já no século XIX, na lavoura canavieira. Todas elas eram sustentadas pela força do trabalho escravo. Segundo Josenildo de Jesus Pereira (2001), baseado nas estatísticas do coronel Antônio Bernardo Pereira do Lago, em 1822, a população da província era de 152.843 habitantes, dos quais 77.914 eram escravos, ou seja, 51% do total (Tabela 1).

Tabela 1 – População da Província do Maranhão em 1822

População	Número de habitantes	Porcentagem
Livre	74.979	49%
Escrava	77.914	51%

Fonte: Antônio Bernardino P. do Lago, Itinerário da província do Maranhão *apud* PEREIRA, 2001.

Obviamente, esse percentual diminuiu bastante com a proibição do tráfico negreiro em 1850, momento no qual o Maranhão passa de importador de escravos a exportador, através do tráfico interprovincial, enviando para o Sudeste grande parte de sua mão-de-obra (JACINTO, 2009, p. 169-194).

César Augusto Marques (2008) nos apresentou as seguintes tabelas (Tabelas 2 e 3) do movimento de escravos para fora da província entre dois períodos, de 1860 a 1869 e de 1870 a 1888. Vejamos:

Tabela 2 – Exportação de escravos no tráfico interprovincial no Maranhão entre 1860-1869

Anos	Homens	Mulheres	Total
1860	281	129	410
1861	455	220	675
1862	290	114	404
1863	192	67	259
1864	117	24	141
1865	55	30	85
1866	82	31	113
1867	187	50	273
1868	525	153	678
1869	480	208	688
Total	2.664	1.026	3.690

Fonte: MARQUES, 2008.

Tabela 3 – Exportação de escravos no tráfico interprovincial no Maranhão nos anos 1870-1888

Anos	Homens	Mulheres	Total
1870	275	96	371
1871	167	104	271
1872	271	121	392
1873	369	132	501
1874	1.196	424	1620
1875	956	333	1289
1876	1.151	563	1714
1877	1.004	533	1.537
1878	607	351	958
1879	818	534	1352
1880	492	385	877
1881	204	209	413
1882	87	125	212
1883	52	24	76
1884	9	19	28
1885	4	1	5
1886	1	4	5
1887	19	8	27
1888	-	-	-
Total	7.682	3.966	11.648

Fonte: MARQUES, 2008.

Nas duas tabelas podemos constatar que a província enviou para a lavoura cafeeira uma quantidade significativa de seus cativos e que a maioria deles eram homens em idade produtiva e, por isso, mais estimados para o trabalho nos cafezais.

No entanto, mesmo com a saída desses cativos no tráfico interprovincial, o Maranhão ainda se constituía, às vésperas da abolição, como uma das províncias do norte e nordeste com maior contingente cativo. A população escrava da província, às vésperas da escravidão, era composta de mais de trinta mil cativos.

Para Josenildo de Jesus Pereira (2001) e Jalila Ayoub Ribeiro (1990), isso se devia ao fato de que, no Maranhão, possuir escravos era um símbolo de distinção social e que, mesmo quando os lavradores vendiam seus escravos para o Sudeste, tentavam manter alguns tanto como uma mercadoria preciosa para ser comercializada em outro momento, quanto como símbolo de distinção social e não decadência econômica das famílias abastadas.

Acreditamos que este talvez tenha sido um motivo importante, mas obviamente a quantidade de cativos ainda existentes, nas vésperas da abolição, também se devia ao fato de que o Maranhão teve, na Companhia do Grão-Pará e Maranhão, uma entrada significativa de cativos e que durante muito tempo foi importadora de mão-de-obra africana, figurando numa relação de importadora de escravos para sua lavoura de algodão, arroz e cana de açúcar. O Maranhão chegou a se configurar como a quinta maior província em importância econômica, e isso se deveu à entrada maciça do braço africano. Por isso, por mais que a província tenha exportado uma boa parte da sua mão-de-obra, os africanos e seus descendentes, já crioulos, ainda podiam ser encontrados em grandes quantidades na província ao final do XIX.

De outro lado, como aponta o próprio Josenildo Pereira (2001), a mão-de-obra escrava se fez necessária ao longo de todo o século XIX, de escravos domésticos, de ganho, ou aluguel pelas cidades a escravos do eito na lavoura.

Nos jornais, encontramos, por toda a segunda metade do século XIX, anúncios de compras, vendas e aluguéis de escravos, mostrando claramente como a população cativa se fazia presente e necessária em todo o período:

Vende-se um moleque de 8 a 10 anos de idade, bonita figura, quem pretender dirija-se a casa de José Pedro dos Santos.

Compra de escravos
Oficiais de pedreiros e carpintas

O abaixo assinado tem incumbência de comprar escravos oficiais de pedreiros e carpinas, que sejam novos e sadios; quem os tiver e quiser vender dirija-se a casa de sua residência, n. 2, no largo do Palácio, para tratar do ajuste.

Antônio Correia d'Aguiar.

Simplicio Luís de Mattos precisa alugar um preto e paga-o bem para entregar-lhe o tabuleiro, quem o tiver e quiser alugar, dirija-se a sua moradia, rua do Giz, n. 8, fronteira no jardim

Quem precisar alugar um moleque para servente de obras dirija-se a loja de Onofre dos Santos Ribeiro, que achará com quem tratar.

Quem pretende comprar uma escrava sadia, de idade de vinte e cinco anos pouco mais ou menos, que entende de serviço de casa e cozinha sofrivelmente, dirija-se a rua Formosa n. 22, que achará com quem tratar. Maranhão, 24 de fevereiro de 1859.

Escrava

Para satisfazer um pedido de Pernambuco, Torquato de Lima, rua do Sol, n. 28, precisa comprar uma preta de vinte e cinco anos, muito sadia, de bons costumes, e bem parecida; é indiferente o ser ou não prendada. Maranhão, 24 de fevereiro de 1859.

-Compra-se, uma preta moça com algumas habilidades, assim como alguns moleques de bonitas figuras, no estabelecimento -novo, rua Formosa, n. 10.

Escravo.

O abaixo assinado está autorizado para vender um escravo excelente oficial de pedreiro, para o que pode ser procurado na rua - 28 de julho- casa n. 18.

Maranhão, 7 de dezembro de 1868.

Pedro A. Ribeiro.

Venda de escrava.

Vende-se uma escrava de 18 anos, sadia e de bons costumes, que sabe lavar, engomar e fazer renda; quem a pretender queira dirigir-se ao estabelecimento de Branco, Irmão & C., a rua Grande que achará com quem tratar.

Maranhão, 11 de dezembro de 1868.

Escrava

J. F. Monteiro & C. estão autorizados a comprar para o serviço de um negociante solteiro no Pará, uma mulata de 20 a 25 anos e que saiba cozinhar alguma coisa.

Garante-se bom tratamento e paga-se bem; à tratar com os anunciantes à rua Gonçalves Dias, n. 2, ou na da Paz, n. 51. Maranhão, 9 de dezembro de 1868

Escravo para alugar.

Aluga-se um escravo para o serviço diário de uma casa na rua de S. João n. 42. Afiança-se o seu bom comportamento.

Maranhão, 27 de junho de 1871.

Aluga-se uma ama de leite sem filho, na Rua da Palma, n. 15.

José Domingues Moreira, filho & C tem para alugar um moleque de oito a nove anos, que sabe andar com carros.

Maranhão, 23 de junho de 1871.

Vende-se um bonito escravo preto de 23 anos de idade, sadio e próprio para todo o serviço, na rua do Sol, n. 82. Maranhão, 22 de julho de 1871.

Na rua da Alegria, casa n. 7, precisa-se alugar um preto velho, livre ou escravo, próprio para pastorear gado.

Escravos.

Antonio d'Azevedo e Silva compra escravos para lavoura, um pedreiro e um ferreiro.

Maranhão, 12 de agosto de 1871.

No sítio Belém, que foi do Lamarão, místico ao do Sr. major Ignacio José Ferreira, deseja-se alugar dois ou três pretos de meia idade, para o serviço do mesmo.

Escravas à venda

Antonio Pedro Gomes de Castro vende duas escravinhas suas, sendo uma de 14 anos de idade e outra de 18, ambas negras retintas, sadias, humildes morigeradas e acostumadas ao serviço interno de uma casa de família. Quem pretender tratar dirija-se a rua dos Remédios, casa n. 39.

Maranhão, 27 de setembro de 1871.

Venda de escrava.

Vende-se uma escrava de 18 anos de idade pouco mais ou menos a tratar na fábrica denominada do- Costa- na Madre de Deus.

Escravos

Manoel Pereira Martins tem cinco para vender, sendo mãe e quatro filhos menores retintos, os quais vende barato por ter de vender a família inteira; quem pretender dirija-se ao sobrado de azulejo que faz frente para o largo de Santiago, que ali encontrará os escravos e o anunciante para tratar. Maranhão, 4 de dezembro de 1871¹.

Por esses anúncios, podemos fazer uma série de inferências; a primeira delas é que os cativos eram necessários ao longo de todo o século XIX na província e que eram ofertados, alugados e vendidos para trabalharem em uma série de funções, desde o serviço doméstico da casa, principalmente as mulheres e os “moleques”, até as funções mais refinadas e de ofícios, como: carpinteiros, sapateiros, pedreiros, que, por terem uma profissão, os encarecia e os valorizava aos olhos de compradores e vendedores.

Outra inferência que podemos fazer é que, como esses escravos estavam desse modo circulando pela cidade, ao exercerem funções domésticas, ou serem escravos de ganho ou aluguel, podiam circular com uma relativa liberdade pela cidade; esses cativos, muitas vezes, podiam tecer redes de solidariedade e estabelecer canais de comunicação para, a partir disso, exercerem uma relativa autonomia e se reunirem, uma vez ou outra, para fazer batuques, sambas, rezar para seus deuses, etc. Os cativos, ao contrário do que muitas vezes essas fontes apenas pensadas como anúncios de

¹ Todos esses anúncios foram encontrados no jornal *O Publicador Maranhense*, entre 1859-1871. Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL)

mercadorias podem nos fazer pensar, estabeleceram, ao seu modo, a sua forma de viver e sobreviver à escravidão. Com o “feitor ausente” (ALGRANTI, 1988), mas em constante vigilância por boa parte da população citadina, mesmo assim esses cativos gozavam de uma maior autonomia e liberdade ao exercerem serviços na cidade.

Outro ponto importante a se destacar é que se esperava dos cativos que fossem morigerados, sadios, obedientes, bons cumpridores do dever, o que, muitas vezes, faz-nos pensar que, ao prometer isso, os vendedores admitiam que nem todos o eram, principalmente, passivos e obedientes, ao oferecer morigeração e obediência, admitiam os senhores que havia desobediência e falta de passividade.

Por outro lado, também podemos perceber, nessas fontes apresentadas, que as mulheres, muitas vezes, eram procuradas por sua beleza, para fazer “companhia” aos senhores; não é à toa que, em um dos anúncios, fala o comprador que não interessava que a cativa fosse prendada, o que nos leva a crer que talvez o comprador só a quisesse para lhe fazer “companhia” (PEREIRA, 2001).

Mesmo assim, ainda podemos ver, nesses anúncios, algum sinal de respeito e negociação que era conseguido pelos cativos, como um dos vendedores ao anunciar a venda de uma escrava mãe e seus quatro filhos e que os venderia barato por querer vendê-los juntos, talvez para não os separar, para manter mãe e filhos unidos. Muito provavelmente, isso foi constituído baseado em acordo e negociação com a própria mãe cativa.

Por fim, ao lermos esses anúncios, percebemos que, mesmo em número mais reduzido, por causa do tráfico interprovincial, os cativos eram, na província, extremamente necessários e presentes, e a escravidão no Maranhão, ao longo de todo o século XIX, foi mais do que uma questão social, ou de distinção, foi base de sustentação desta mesma sociedade.

Ao cogitar isso, pensamos também que, ao encontrarmos na historiografia citada e principalmente nas fontes de jornais, podemos perceber que a escravidão nunca foi aceita passivamente pelos cativos e que eles fugiram de suas garras, desde que aportaram no país. No Maranhão, não foi diferente, no período ora estudado, os cativos foram construindo suas liberdades. Os anúncios de fugas estão aí para provar isso.

Fugiam...

Ao nos determos sobre os anúncios de fugas escravas nos jornais, como já apontou Lilian Schwarcz (1987), muitas vezes iremos nos deter naquilo que os senhores representavam de seus cativos, como eles os viam, e boa parte de nossas informações sobre essas fugas estão configuradas como imagens dos cativos construídas através dos senhores.

Isso, no entanto, não nos parece ruim, mas sim instigante, porque nos dá a possibilidade de interpretação de dois mundos: o dos senhores e o dos cativos. Dos senhores, ao ver como eles pintavam e representavam seus escravos. O dos cativos, ao fazermos uma leitura a contrapelo, como colocou Walter Benjamin (1985), chamando-nos a atenção para as fissuras e as brechas do discurso, onde podemos encontrar aquilo que os setores dominantes não quiseram nos dizer, mas disseram mesmo assim; por isso, acreditamos que esses anúncios são riquíssimos para nos fazer compreender como os cativos e senhores organizavam o seu mundo no Maranhão escravista. Começaremos com a história de Luíza:

Fugiu no dia 27 do mês próximo, a Manoel da Silva Ribeiro, a sua escrava de nome Luíza, nação Angola, idade 38 anos, tendo os seguintes sinais- cor preta, magra, alta, rosto picado de bexigas, beijos grossos, nariz chato, tendo a parte superior dos olhos bastante alta, e é bem falante. Quem a captura-la e entregar a seu senhor na Rua da Cruz, casa n. 83, será bem recompensando. Maranhão 13 de janeiro de 1859 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1859, BPBL).

Não havia, na província, uma clara definição de quem fugia mais, se eram homens, mulheres ou crianças. Encontramos, em vários anúncios, mulheres fugitivas e que, assim como Luíza, procuravam através da fuga construir a sua própria liberdade.

No caso específico de Luíza, o que podemos saber sobre ela através desse anúncio é que era de nação angolana e, ao ser salientada que era bem falante, ele mostra como a cativa era lida como uma escrava que, ao contrário de ser morigerada, passiva e respeitosa, era, no entanto, bem falante, tão falante talvez que, de fala em fala, tenha conversado com outros cativos e visto, na fuga, a possibilidade de construir uma nova vida. Se conseguiu ou não, não sabemos, mas ousou viver esse sonho de liberdade ao fugir.

Outro que teve o mesmo sonho de Luíza, em 1859, foi o preto Daniel:

Preto fugido

A D. Maria Clara Ferreira Guterres, fugiu a perto de dois meses o seu escravo Daniel, comprado a Domingos G Branco, cujo escravo era do capitão Manoel Alves Serrão- Os sinais são os seguintes; - preto, de idade trinta e tantos anos, estatura regular, fala descansado, porém com muita clareza; julga-se estar nas imediações de S. Bento no Pericumán. Quem o capturar e entregar em Alcântara ao Sr. Thomas Mariano Ferreira Guterres, ou nessa cidade a anunciante receberá gratificação (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1859, BPBL).

Diferentemente de Luíza, o que chamou a atenção da proprietária de Daniel foi o caráter de seu escravo falar de forma descansada, porém muito esclarecida, ou seja, mais uma vez, mesmo falando descansado e não bastante, o anunciante destaca que o escravo fugido era esperto ao falar esclarecido e que se podia distingui-lo por essa característica.

Claro que, ao diferenciar o cativo e apontar aquilo que se distinguiu nele, o anunciante desejava que ele fosse encontrado, por isso era preciso demarcar alguma diferença entre os demais. No entanto, isso não invalida o caráter de que Daniel talvez falasse mesmo de forma esclarecida e que também usando da comunicação tenha conseguido fugir.

Outra informação preciosa que esses anúncios nos dão são: os espaços de circulação dos cativos, ao julgar-se estar nas imediações de São Bento e ao propor que ele, se fosse capturado, pudesse ser entregue em Alcântara, podemos inferir que esse escravo conhecia bem a região da baixada maranhense² e, como já estava evadido havia dois meses, circulara de São Luís até São Bento ou talvez também em outras regiões.

Outra forma de sociabilidade praticada pelos escravos era o hábito de beber cachaça, como era o caso do escravo Josino, de 15 anos:

Sábado 5 do corrente mês de fevereiro fugiu a Manoel Antonio dos Santos o seu escravo de nome Josino de idade de 15 anos pouco mais ou menos, baixo é cafuz, beijos grossos, tem um coração à maneira de alguns marítimos em um dos braços, tem testa grande; costuma dizer que é forro, fuma, e bebe cachaça. É acostumado a fazer estas fugidas, e anda pelas ruas da cidade vadiando. Roga-se a polícia, ou a quem o pegar o favor de entregá-lo ao anunciante em casa de sua residência, Rua do Giz, n. 56 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1859, BPBL).

Josino, apesar da pouca idade (15 anos), já havia fugido várias vezes, portanto, nunca aceitou a sua situação de cativo. Como aponta o anúncio, era esperto o suficiente para se dizer forro. Gostava de fumar e beber cachaça, provavelmente com outros

² A região chamada de Baixada Maranhense fica a oeste e sudeste da Ilha de São Luís, formada por grandes planícies baixas que alagam na estação das chuvas, criando enormes lagoas entre os meses de janeiro e julho. Abrangia, na época, algumas vilas e cidades, entre as quais: São Bento, Viana, Pinheiro, São Vicente Férrer, Arari, Rosário, Peri Mirim, entre outros.

companheiros cativos. Ao ser apontado que andava pelas ruas vadiando, também estava exercendo a circulação pelas ruas da cidade ou quiçá em vilas próximas. O menino Josino, pelo que parecia, preservava bastante a liberdade, por isso, sempre que podia, fugia. Mais uma vez, desmantelando a imagem de escravos passivos e inertes. Encontramos outras artimanhas como a do escravo Paulo, o alfaiate:

Sexta-feira 11 do corrente fugiu a Antonio Francisco de Azevedo, o seu escravo crioulo de nome Paulo de idade de 21 anos, alfaiate, é preto pouco retinto, alto, magro e franzino de corpo, rosto comprido, olhos um tanto grandes, pouca barba, pernas finas, gagueja quando principia a falar e tem voz gutural. Consta que pretendia embarcar para o sul no vapor Oyapock, e que está munido de passaporte, ainda que sob nome suposto de Pedro. Quem o capturar e entregar ao anunciante serão bem gratificados- Maranhão, 14 de fevereiro de 1859 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1859, BPBL).

O cativo Paulo, com certeza, era muito valioso para seu senhor Antonio Francisco de Azevedo, visto que era um escravo que tinha uma profissão definida, era alfaiate, provavelmente rendia muitos lucros para seu senhor e talvez, por isso mesmo, Paulo acreditasse ser capaz de fugir e construir sua própria liberdade longe das agruras da escravidão.

De toda forma, está claro que não agia sozinho, havia conseguido um passaporte falso a fim de embarcar para o Sul. Obteve ajuda de outros ou quem sabe comprou o passaporte falso com os ganhos do seu ofício. Interessante também de Paulo querer embarcar para o Sul, num momento no qual o tráfico interprovincial era bastante forte na província, o que nos levaria a crer que, se um escravo fugisse, não seria para o Sul, para trabalhar nos cafezais que ele gostaria de ir.

Talvez Paulo tivesse visto sua família, ou mulher, serem levados pelo tráfico e talvez desejasse reencontrá-los; sendo assim teria usado do que podia para conseguir encontrar os seus. Se conseguiu embarcar, não sabemos. Mas sabemos que, ao menos, tentou.

Outro que foge para talvez tentar encontrar os seus é Jerônimo, um cativo de mais de 40 anos, mostrando-nos, mais uma vez, que para se fugir e tentar a liberdade, não havia idade, nem sexo, mas a vontade mesmo de construir seu próprio mundo:

Escravo fugido

Ao tenente -coronel José Antonio de Oliveira fugiu no dia 31 de janeiro passado, de seu estabelecimento de (ilegível) denominado "Nova Austrália" o escravo Jerônimo, dos seguintes sinais:

Idade, 40 e tantos anos.
Cor, preta, avermelhada.
Estatura, baixa e muito corpulento.
Barba pouca.
Rosto e testa, enrugados.
Pés achatados.
Fala desembaraçado e tem uma ferida num ombro há mais de dez anos que não sara. Desconfia-se que saiu num cavalo pequeno melado baio, ou num meio queimado de crinas pretas em direção da Vargem- Grande e chapadinha, para reunir-se a um parente forro que ali tem e seguiram para o Brejo, Paraíba ou Piauí, onde tem parentela forra.
Quem o capturar e entregar a seu senhor, em qualquer de seus estabelecimentos de lavoura, ou na capital em sua ausência ao senhor Manoel Joaquim Fernandes, receberá boa gratificação (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1859, BPBL).

Jerônimo partiu levando um cavalo, visto que estava ciente da longa jornada que faria; o fato de seu senhor não saber, com precisão, que cavalo ele levou, atenta-nos, que, muitas vezes, esses proprietários, por serem donos de vasta escravaria e de fazenda com muitos animais, não saberiam distinguir todos os cativos e todos os animais que possuíam (SCHWARCZ, 1987).

Num anúncio de fuga, era preciso dar o máximo de informações que se pudesse ter sobre o fugitivo; era importante tentar se lembrar de todos os detalhes. Se o proprietário acreditava que Jerônimo partira de cavalo justamente para ir juntar-se a um parente forro em Vargem Grande e Chapadinha, provavelmente Jerônimo já houvera demonstrado ou falado para alguns de seus companheiros que tinha esse desejo. Ser forro como seus parentes, ser livre, encontrar e juntar-se aos seus e foi isso que tentou fazer no dia 31 de janeiro de 1870.

Da mesma forma, agiu a escrava Maria, que, em 1859, fugiu de Santo Antônio para São Bento e lá se encontrou com seus parentes, contra os quais o anunciante protestava sobre a proteção que estavam dando a escrava:

Em 23 de junho do ano p. p. fugira da vila de Santo Antonio e Almas, a escrava Maria, de propriedade do tenente Antonio José Martins que a houve por herança de sua finada mãe a qual acha-se protegida por alguns de seus parentes na vila de S. Bento e assim protesta o mesmo Sr. José Martins contra quem de direito for pelos dias de serviço da mesma escrava durante a fugida.
Como procurador,
Joaquim José Castanheira (Jornal *O Século*, 1859, BPBL.).

O mesmo aconteceu com a cativa Feliciano, que, em 1871, com a provável ajuda de algum canoeiro, fugiu para o Itapecuru, a fim também de encontrar seus parentes:

A D. Antonia J. Muller fugiu no dia 12 do corrente a sua escrava de nome Feliciano de cor preta, alta e magra, cabelo cortado rente, tem no queixo alguns pelos de barba, é muito surda & &. A anunciante está convencida que algum canoeiro a conduziu para o Itapecuru onde têm parentes ou para outra qualquer localidade do interior. Quem a capturar e entregar a sua Sra. na rua de Santo Antonio n. 3 receberá 20\$000 se for pegada dentro da ilha, e 30\$000 vindo de qualquer parte do interior.

Maranhão, 27 de setembro de 1871 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

A tentativa dos cativos de fugir e criar seus próprios espaços de liberdade e, por esses anúncios aqui colocados, encontrar e reencontrar os seus, mostra, em evidência, que eles, ao longo de todo o século XIX, criaram redes de solidariedade entre si e seus parentes. Circularam por toda a província, onde podiam encontrar os seus familiares e estabelecer, com outros, vínculos de amizade, amor e familiaridade.

A questão da família escrava já foi bem debatida por Robert Slenes (1999) em seu livro *Na senzala uma flor*, onde o autor demonstrou que, mesmo numa situação precária e adversa como aquela a que os cativos estavam submetidos, foi possível a estes estabelecer laços de amizade, amor, afetividade.

A escrava Maria de 40 e poucos anos também fugiu, em 1871, com seu amasio, baiano Antonio Bernardo:

Escravo fugido

Fugiu no dia 4 do corrente mês do capitão Francisco Raimundo Gomes, de sua fazenda- Raposo - no Pindaré, a escrava Maria, a qual tem os seguintes sinais: rosto sardento, sem dentes na frente, altura regular, idade 40 anos pouco mais ou menos e algum cabelo branco. Sem que seu Sr. soubesse, vivia amasiada com o baiano Antonio Bernardo, caboclo trigueiro, alto, magro e sem um dedo polegar de uma das mãos, constatando este indivíduo tê-la seduzido. Ela foi escrava no Mearim, onde deixou sua mãe, de nome Narcisa, e ele, dizem ser natural de Itapecuru- mirim.

O anunciante pede a todas as autoridades do Alto-mearim, Arari, Barra do Corda, Chapada, Carolina, São Luís Gonzaga e Itapecuru-mirim a prisão de ambos, e principalmente da escrava, garantindo a gratificação de 200:000 rs a quem lha entregar no Pindaré, ou nesta cidade a Manoel Lopes de Castro, Irmão & C. à rua da Calçada n. 24.

Maranhão, 30 de junho de 1871 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

Pelo anúncio, podemos constatar que Maria se amasiou contra a vontade de seu senhor, fazendo isso às escondidas e vivendo com um baiano, que, aos olhos do anunciante, era um caboclo trigueiro que seduziu a escrava, levando-a para a fuga. Mais uma vez, a imagem do cativo como ser passivo, mesmo quando foge, foge por ser levado a tal, por ter sido seduzido, nunca um ser pensante capaz de seus próprios atos. Se Maria fugiu, aos olhos do seu senhor, o fez por ser levada por Antonio.

Também podemos perceber, mais uma vez, a possível circulação dos cativos, acreditando o anunciante que era possível que ela estivesse no Alto-Mearim, Arari, Barra do Corda, Chapada, Carolina, São Luís Gonzaga e Itapecuru-Mirim. Lugares distintos, alguns muito distantes uns dos outros, que demonstram o território possível que a cativa circulou e quem sabe convidou outros a fugir também.

Outro dado importante que é possível perceber nesses anúncios são os maus-tratos sofridos por muitos destes escravos. Não é difícil encontrar anúncios que falam de sinais de castigo, marcas, mutilações, escofadas pelo corpo. Marcas que nos dão, muitas vezes, indícios de prováveis motivos imediatos das fugas, além da própria situação de cativo. Foi o caso do escravo Bemvindo que fugiu, em 1871, com marcas de escofadas pelo corpo, puxando de uma perna, quem sabe como adquiriu esse machucado, mas é provável que tenha sido alvo de sevícias:

Escravos fugidos

Em 8 do corrente fugiu o meu escravo Bemvindo em viagem a cidade, o qual comprei há 4 meses a Joaquim de Souza Soares, morador na Barra do Corda, onde residiu por alguns anos o mesmo escravo, pede-se por grande favor a captura dele e entregá-lo na cidade em minha casa na praia pequena n. 31 onde se pagará toda a despesa. Os sinais são trinta e tantos anos de idade, alto, cabra, cabelos anelados, muito vesgo do olho esquerdo, puxa do quarto do mesmo lado, tem marcas de escofadas, cara redonda muito magra, dentes podres, pernas finas, pés largos, pouca roupa e velha. / Maranhão, 11 de julho de 1871 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

Também se colocava, nesses anúncios, qualquer traço que os diferenciasse dos demais cativos, como aquilo que carregavam, por exemplo: roupas, calçados, etc. Muitas vezes, isso era levado para que eles pudessem se passar por forros dentro das cidades, ao se vestirem como livres, estarem calçados, eles acabavam se misturando com a população e se camuflando contra as capturas, foi o caso do mulato Caetano, que fugiu levando calças brancas e camisa de riscado.

Escravos fugidos.

Fugiu do abaixo assinado, no dia 16 do corrente o seu escravo de nome Caetano, mulato, oficial de sapateiro, tem uma vilide num dos olhos. Levou vestido calças brancas e camisa de riscado. Desde já protesta contra quem o tiver acoitado com percas e danos. Quem o capturar pode entregar a seu Sr. na rua Odorico Mendes n. 2 loja de Sapateiro que será recompensado. Maranhão, 21 de julho de 1871. / José Maria da Cunha (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

O mesmo se deu com a escrava Benedita, que, ao fugir calçada³, dizia-se forra:

³ Usar sapatos era um atributo dos livres; os cativos andavam descalços, quando conseguiam sapatos poderiam se misturar com a população pobre e livre ou forra.

200:000 RS!

Fugiu da cidade de Caxias em 1842 uma escrava de nome Benedita, pertencente aos herdeiros do finado Luiz da Silva Rios, com os seguintes sinais: 25 anos de idade pouco mais ou menos, cabra, nariz curto e arregaçado, dentes limados, olhos grandes e pretos, mãos pequenas e grossas, pés curtos e chatos, cabelo crespo, e tem cicatrizes de relho em um dos braços e na pá direita. Consta que a dita escrava passa por forra, e que anda calçada. A pessoa que apreendê-la e entregar no Maranhão ao Sr. Athanasio Pereira da Fonseca, ou aos Srs. Manoel José Teixeira Filhos & C. e em Caxias ao Sr. major José Ferreira de Gouveia Pimentel Belleza, será recompensada com a quantia acima (Jornal *A Imprensa*, 1859, BPBL).

Benedita usou da artimanha de se calçar para poder melhor se esconder e mais, pelo anúncio podemos perceber que a cativa já havia sofrido sevícias, pelas marcas de relho nos braços e na pá direita. Isso pode nos demonstrar a causa imediata da fuga, como também que Benedita era uma cativa que não se curvava à vontade senhoria, sofrendo represálias e, por isso, fugindo, claro. A fuga em si já é um ato de rebeldia escrava. É um grande ato por todos os problemas que o cativo teria se fosse capturado, desde castigos a prisão. Ser um fugitivo, obviamente, não era fácil. Mas, aos olhos desses cativos que tentavam se libertar através das fugas, ser escravo era pior.

Como já foi dito, para tentar construir a sua própria liberdade, não havia definições de sexo, idade, etc. Por isso, não é à toa que encontramos um anúncio dando conta da fuga da escrava Feliciano, a qual, aos sessenta e tantos anos, também resolveu fugir, levando consigo redes e roupas:

Atenção!

Escrava fugida.

A D. Antônia J. Muller fugiu no dia 12 do corrente, a sua escrava de nome Feliciano, de 60 e tanto ano de idade, cor preta, alta e magra, tem alguns pelos de barba no queixo e é muito surda. Levou em um cofó duas redes e alguma roupa, vestida uma saia encarnada; supõe-se está acoitada por alguém, contra quem se protesta por dias de serviço. Quem a pegar e entregar a sua Sra. na rua Santo Antonio n. 3 será gratificado. / Maranhão, 14 de setembro de 1871 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

Para sua proprietária, Feliciano fugiu com a ajuda de outrem, uma vez que se tratava de uma senhora bastante idosa e bem surda. Acreditando a proprietária que foi ajudada ou “acoitada” por alguém. Isso nos demonstra, mais uma vez, as redes de solidariedade que eram tecidas, talvez até mesmo entre os pobres livres ou escravos já forros que tentavam ajudar os demais. A escrava Feliciano, apesar da idade, ainda podia dar bons dias de serviço doméstico, visto que sua senhora exigia de quem a tivesse acoitando o pagamento dos dias de serviço de Feliciano. Talvez tratasse de uma escrava de aluguel que, ao fugir, retirava de sua senhora alguns cobres diários.

Muitas vezes, alguns cativos fugiam diversas vezes e tentavam, a todo custo, libertar-se da escravidão. É o que podemos afirmar do escravo Silvestre de 33 anos de idade que, segundo o anúncio, já fugira várias vezes.

Uma gratificação

A Antonio Correa de Aguiar fugiu em 8 de outubro corrente o seu escravo Silvestre de 33 anos de idade, com os seguintes sinais: mulato acaboclado, baixo, reforçado, peitos largos, cabelos corridos e crescidos na frente, olhar carregado, barba pouca. É filho da Granja e tem estado fugido por várias vezes, sendo a primeira fugida para as partes do Monim, onde esteve por várias vezes ocupando-se em serrar madeiras; de outra vez foi preso no Furo e remetido para a cidade, como forro, e sentou praça na polícia, da qual deu baixa tendo-se mostrado ser escravo; tornando a fugir ocupou-se, sob o título de forro, numa canoa de Francisco de Campos; fugiu outras vezes, e foi preso para recruta, o que não se efetuou por mostrar-se ser escravo. Quando fugido usa um nome falso e inculca-se de forro. Maranhão, 10 de outubro de 1871 (Jornal *O Publicador Maranhense*, 1871, BPBL).

Silvestre mostrava muita esperteza e malícia ao tentar se passar por forro; ele conseguiu sentar praça na polícia para, no meio dela, camuflar-se, ocupou-se numa canoa, serrou madeiras, enfim, deu-se a muitos ofícios para fugir da escravidão. Entrar na polícia, naquela época, era algo que muitos libertos e pobres livres temiam (FARIA, 2007), tendo em vista a má remuneração e os perigos enfrentados por eles. Muitas vezes, o recrutamento era feito à força. Para alguns cativos, ao se alistarem na polícia, podiam melhor se esconder das garras de seus senhores. Enfim, qualquer coisa era melhor que ser escravo. Silvestre, provavelmente muito esperto, já que trocara o nome quando fugido e fugiu várias vezes, viu nas profissões que abarcou uma forma de sobrevivência e de esconderijo.

A esperteza também era uma característica salientada pelo proprietário do escravo Luiz, que fugiu de Coroatá em 1859. Com marcas de castigo nas nádegas, Luiz também tentou a sorte ao fugir da escravidão:

Ao abaixo assinado fugiu o seu escravo de nome Luíz no dia 24 de abril do ano p. p. o qual tem os seguintes sinais: crioulo de 45 a 46 anos de idade, de cor retinta, espadaúdo, bem feito e desempenado de corpo; alegre, simpático, muito desembaraçado no porte e inteligente; tem sinal de uma grande espinha em um dos lados do queixo superior, bem saliente do tamanho de um botão de calça, por onde pode ser imediatamente conhecido: a cabeça alguma coisa lhe branqueia; é falto de barba (tem apenas na parte inferior do queixo); de curtos pés muitos cavados, deve ter algumas cicatrizes nas nádegas quase extintas. Alto; terá 64 polegadas pouco mais ou menos de estatura. O abaixo assinado gratifica com 200\$ rs, moeda corrente a quem o capturar e lhe entregar na vila do Coroatá.

Coroatá, 29 de Junho de 1859 (Jornal *A imprensa*, 1859, BPBL).

Outros se arvoraram a fugir do Depósito Geral de escravos, como Clementino e Raimundo, que, penhorados a outros senhores, resolveram também tentar a

liberdade. Talvez levados e pressionados pela possibilidade de terem outros senhores e serem desligados dos seus companheiros:

Fugirão

Do Depósito Geral os escravos mulatos de nomes Clementino e Raimundo, que, a requerimento de Antonio José Teixeira d'Assumpção e outros, foram penhorados a Olímpio José Baldez e Valério Antonio Baldez, moradores no distrito de S. Joaquim do Bacanga- em Pacativa- Quem os capturar será bem recompensado podendo entregá-los nesta cidade na rua Direita n. 17, e no Bacanga a Lázaro Antonio Vieira (*Jornal A imprensa*, 1859, BPBL).

O crioulo Paulino, oficial de marceneiro e carpina, também tentou a sorte, em 1857, partindo com outro companheiro. Como já salientamos: um escravo com um ofício definido era muito valioso para o seu senhor, já que podia ser alugado ou servir de escravo de ganho. Mas isso também dava a estes a possibilidade de conseguir seu próprio sustento e também ter uma maior liberdade para circular pelas ruas e assim conseguir, com mais facilidade, evadir-se; foi o que Paulino fez:

A José Jorge de Oliveira fugiu o seu escravo Paulino crioulo, preto, alto, magro, pouca barba, quebrado, idade 35 a 40 anos, com o dedo polegar de uma das mãos torado pela junta, consequência de um panariço, oficial de marceneiro e carpina evadiu-se com outro de estatura pequena, (ilegível) que esteja na Bacanga; quem o capturar e entregar seu senhor receberá boa paga. Maranhão, 12 de fevereiro de 1857 (*Jornal O Publicador Maranhense*, 1857, BPBL).

Outro oficial de carpina, Eduardo, mal chegou à cidade de São Luís, vindo de Pericumán, vendido por Manoel Pedro d' Alcântara, aproveitou a oportunidade e também se evadiu:

- Ontem às 6 horas da tarde, fugiu da Rua do Ribeirão n. 13 a Torquato de Lima, o seu escravo Eduardo, crioulo, oficial de carpina, de 28 anos de idade, pouco mais ou menos; cor fula, estatura e corpo regulares. Este escravo pertenceu ao Sr. José Lucas da Costa, de Pericumán, de onde veio a duas semanas, e foi aqui vendido ontem pelo Sr. Manoel Pedro d' Alcântara- Gratifica-se bem a quem o apreender ou der notícias certas dele (*Jornal O Publicador Maranhense*, 1857, BPBL).

Outras artimanhas usadas pelos cativos eram percebidas e salientadas pelos senhores; é o caso de José Alexandre, escravo em Viana, que fugiu em 1858 e que, segundo seu proprietário, na presença de brancos, inculcava humildade, ou seja, usava de uma estratégia para melhor conseguir sobreviver. No entanto, José Alexandre fugiu a cavalo e armado; talvez o anunciante tenha deixado isso claro para falar que o escravo era perigoso. Mas, ao fugir, muitos desses cativos sabiam que iriam enfrentar uma série

de obstáculos; talvez fugir armado fosse uma forma de proteção para eles. Foi o que José Alexandre fez:

Boa Gratificação!

A Antonio Luiz de Campos, lavrador da comarca de Viana, fugiu no dia 17 de agosto p. p. o seu escravo crioulo, chamado José Alexandre, de 30 anos de idade pouco mais ou menos, oficial de carpina. É bem retinto, bem parecido, alto, um pouco vergodo (sic), - magro, - na presença de brancos inculca humildade: saiu a cavalo e armado. Quem o pegar e entregar em Viana a seu senhor, ou ao Tenente Coronel João José Seguins do Amaral, ou nesta cidade a Antonio Marcolino de Campos Costa receberá de gratificação cem mil reis.

Maranhão, 11 de setembro de 1858 (Jornal *O Século*, 1858, BPBL).

Às vezes, a vontade senhorial de encontrar seu escravo era tão grande que ele reunia todas as informações possíveis que obtivesse para a captura do fugitivo. Foi o que fez Bento José Antunes, em 1859. Procurando seu escravo Manoel de Jesus que estava fugido havia mais de um mês, Bento José fez um verdadeiro trabalho indiciário para tentar encontrar Manoel. Foi procurá-lo entre os canoieiros, que lhe deram notícias que Manoel lá estivera em Pericumán, pedindo passagem para Coroatá. Obteve também informações que o cativo fora visto pelo padre Manoel Ribeiro de Macedo Câmara e Motta seguindo para a fazenda de seu antigo dono, dizendo levar uns papéis para o seu senhor.

Provavelmente, Manoel encontrou essas pessoas e fez uso desses subterfúgios para justificar o porquê de estar circulando por esses lugares. Para Bento José, o escravo foi procurar seu antigo senhor. Talvez tenha ido principalmente para encontrar os seus antigos companheiros ou quem sabe sua família. Se Bento José, com toda essa investigação, conseguiu encontrar Manoel, não sabemos, mas torcemos para que isso não tenha acontecido.

Atenção.

Fugiu em 31 de janeiro p. p. ao abaixo assinado, o escravo crioulo, Manoel de Jesus, de cujos sinais são os seguintes:- altura regular, cara descarnada, tem barba, mas costuma raspá-la; nariz chato, cor vermelha e pançudo, umbigo grande, sobre o qual tem marca de ferida e outra em um dos braços, andar vagaroso, é muito conversador, falta-lhe o dedo grande de um dos pés. Este escravo foi do falecido Bayma, da fazenda Boa Vista e nesse tempo andou embarcado para o Itapicuru, tem muito conhecimento com canoieiros, depois foi vendido ao falecido José Tavares da Silva donde veio a pertencer ao Exm. Sr. José Joaquim Teixeira Vieira Belfort a quem o comprei. Sou informado por um mestre de canoa que o viu no Itapicuru pedindo passagem para o Coroatá dizendo que ia com papéis de seu Sr. José Joaquim, e ultimamente foi encontrado pelo Revmo. Padre Manoel Ribeiro de Macedo Câmara e Motta, próximo a fazenda do Ilm.º Sr. tenente- coronel Eustáquio de Freitas dizendo que ia levar papeis a dita fazenda do Sr. Freitas, como tenha acertado de ele andar desses lugares e talvez na fazenda de seu

anterior Sr. primeiro roga aos Srs. feitores, e com especialidade o Sr. Joaquim Rodrigues de Souza, e os mais dessas imediações que concorram para captura dele e o mesmo peço as autoridades policiais do Coroatá e Alto-Mearim.

Maranhão, 24 de março de 1859.

Bento José Antunes (Jornal *O Século*, 1859, BPBL).

Outro anúncio que nos chamou bastante a atenção foi o da fuga de dois irmãos, Julião e Geremias, de Viana, justamente por mostrar espaços de sociabilidade que muitos cativos conseguiam estabelecer, mesmo estando dentro do regime escravista. Foi o caso de Julião, que era dado a “súcias” com crioulas, que cantava tanto nesses “batuques” a ponto de ficar rouco, como a anunciante nos diz:

Boa gratificação.

A D. Ana Luiza de campos viúva do finado alferes Antonio Luiz de Campos, lavradora da comarca de Viana, fugiram no mês de fevereiro do corrente ano os seus escravos crioulos de nomes Julião e Geremias; tendo o 1º trinta e cinco anos de idade pouco mais ou menos, oficial de carpina, e entende de abrir cascos para canoa, é versado em todo o gênero de serviço, principalmente no de vaqueiro, e carreiro, bom remador e pescador d'água doce: entrega-se muito a súcia de crioulas e quando o faz, canta a ponto de ficar rouco, é alto e cheio de corpo, e quando anda inclina-se para diante; o 2º terá trinta e dois anos pouco mais ou menos e entende do ofício de alfaiate e é tão hábil como o Julião, menos no ofício de carpina, parecem cafuzos e são bem parecidos por serem irmãos. A anunciante roga aos Srs. lavradores das comarcas que, sabendo por onde estejam os referidos seus escravos coadjuvem na captura, além de uma boa gratificação aos capturadores. Na capital da província pode ser entregue a seu sobrinho e correspondente o alferes Antonio Marcolino de campos Costa, no Pindaré a seu filho, o vigário Mariano José de Campos, e na comarca de Viana a anunciante. Santaninha, centro de Viana, 1º de março de 1860 (Jornal *O Século*, 1860, BPBL).

O termo “súcias” era uma expressão pejorativa para falar do ajuntamento de cativos em seus batuques e festas. Julião gostava tanto desses eventos que cantava a ponto de ficar rouco; estabelecia, dessa forma, uma sociabilidade e uma possível rede de solidariedade que lhe possibilitou a fuga. O fato também de exercer uma série de atividades, juntamente com seu irmão Geremias, talvez tenha aberto mais possibilidades para os dois, mais redes de conhecimento e circulação. Julião e Geremias são provas de que os cativos faziam suas reuniões, cantavam, dançavam, bebiam cachaça e, desse modo, sobreviviam aos duros dias de trabalho da escravidão.

Outra característica encontrada nos anúncios é o do longo tempo que os cativos passavam fugidos e, mesmo assim, os senhores ainda teimavam em capturá-los. Foi o caso de Ricardo, escravo de nação mina, que andava fugido havia mais de dois anos:

De gratificação dá o abaixo assinado a quem capturar e lhe entregar nesta cidade o seu escravo de nome Ricardo, que a dois anos e meio se acha fugido, tendo o dito escravo os sinais seguintes: nação Mina, estatura baixa, cara, braço e parte do corpo lanhado, uma vilide em um dos olhos, peito, braço, costa e pernas tudo muito cabeludo. Consta que existiu por muito tempo para as partes da Estiva no sítio chamado Inhaúma do capitão Machado, de quem já foi escravo. Há um ano pouco mais ou menos informaram ao abaixo assinado que o dito escravo passara para o Munim com outro também fugido, escravo do Senador Joaquim Vieira, e que sendo este capturado, declarou que o escravo Ricardo andava entre Pirangi e Munim. Este escravo é bem conhecido em Pirangi pelos habitantes, porque lá já esteve em algum tempo. Maranhão, 14 de fevereiro de 1861.

João José de Lima (Jornal *O Século*, 1861, BPBL).

As informações que foram obtidas sobre o roteiro de Ricardo foram dadas por outro cativo, que, sendo capturado, passou as informações para o senhor de Ricardo. Só Deus sabe como ele obteve essas informações. É possível também que o companheiro de Ricardo tenha dado informações errôneas para despistar o senhor de Ricardo.

Outro ponto importante, neste anúncio, é a possibilidade de que Ricardo tenha voltado para o sítio do seu antigo senhor na Estiva. Talvez tenha feito isso para rever os seus que teria deixado ao ser vendido para o proprietário João José de Lima, ou talvez a vida, no sítio do antigo proprietário, fosse menos penosa. São possibilidades...

Considerações Finais

Essas fugas se repetem, ao longo de todo o século XIX, demonstrando claramente que os cativos nunca aceitaram a escravidão passivamente. Mesmo que esses anúncios não apontem para uma contestação coletiva contra a escravidão, eles podem e nos dizem muito sobre como os cativos reagiam à escravidão e também as formas de circulação, sociabilidade e solidariedade.

Já nas décadas de 1880, obtivemos, pelos jornais, anúncios de fugas coletivas que podem demarcar já uma tensão maior nas décadas finais da escravidão, o que também demonstra que, junto com as falas antiescravistas e abolicionistas, agiam também os cativos e que talvez essa discussão sobre e contra a escravidão chegasse aos ouvidos dos cativos e fortalecesse sua resistência (MACHADO, 1994):

Escravos embarcados.

— Corre na cidade uma notícia, que precisa ser bem examinada pelas autoridades policiais, pois envolve ela um ataque à propriedade, e esta ainda não está, felizmente, fora da lei neste país. Referimo-nos à fuga de alguns escravos, que se diz, embarcaram nos vapores "Pernambuco", "Jaguaribe", e "Manaus". Reproduzindo esta notícia, para ela chamamos a atenção da

autoridade policial, afim de que sejam quanto antes tomadas às precisas providências em forma a acautelar os interesses dos que estão ameaçados, e prevenir que novas tentativas não apareçam (Jornal *O Diário do Maranhão*, 1884, BPBL).

O jornal *O Diário do Maranhão* defendia a manutenção do sistema escravista ou, pelo menos, a abolição de forma gradual e indenizada.

Ao chamar a atenção das autoridades sobre a fuga de alguns escravos nos vapores – Pernambuco, Jaguaribe e Manaus – deixa-nos entrever nas entrelinhas que, provavelmente, estes cativos tiveram ajuda de outras pessoas para tentarem uma fuga tão ousada.

Outro elemento que nos deixa perceber isso é a fala de que, “felizmente”, a propriedade ainda não estava fora da lei no país, numa clara ironia contra os abolicionistas que pregavam a ilegalidade da escravidão. Visto que não consideravam mais aceitável que um ser humano fosse cativo de outrem.

Outra imagem que vislumbramos claramente, neste anúncio, é a que Célia de Azevedo (2008) chamou de “onda negra, medo branco”, que era o terror que a sociedade senhorial tinha das fugas escravas, dos quilombos, da resistência e da rebeldia. Numa província que, na década de 1880, ainda contava com mais de trinta mil cativos, esse medo era compreensível.

A partir das fontes analisadas podemos considerar que em nenhum momento da escravidão no Maranhão na segunda metade do século XIX, os cativos aceitaram passivamente a servidão e por isso fugiam como uma forma possível e perigosa de resistência, haja vista todos os riscos que corriam caso fossem encontrados.

Podemos considerar também que os jornais são fontes valiosas para que possamos entender o mundo de cativos e senhores ao relatarem os avisos de fugas e como os senhores viam seus escravos e a partir dessas fontes podemos fazer uma “leitura a contrapelo” (BENJAMIN, 1985) e adentrar também no mundo dos escravos.

SLAVERY AND RESISTANCE IN MARANHÃO: NOTICES AND SLAVE ESCAPES IN THE NINETEENTH CENTURY

ABSTRACT: The article discusses the slave resistance in Maranhão in the second half of the nineteenth century, focusing on fugitive slaves reported in the newspapers of the period, mainly *O Publicador Maranhense*, *A Imprensa*, *O Século*. The main objective is to analyze, through the periodic, escape as strategy of resistance.

Keywords: Slavery, Maranhão, fugitive slave, Press.

Referências

Fontes⁴

Jornal *A Imprensa*, edições de 1859.

Jornal *O Diário do Maranhão*, edições de 1884.

Jornal *O Publicador Maranhense*, edições de 1859 a 1871.

Jornal *O Século*, edições de 1858 a 1861.

Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro- 1808-1822*. Petrópolis: Vozes, 1988.

AZEVEDO, Célia Marinho M. de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites- século XIX*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, v. I, *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasilense, 1985.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FARIA, Regina Helena Martins de. *Em nome da ordem: a constituição de aparatos policiais no universo luso-brasileiro (séculos XVIII-XIX)*. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

JACINTO, Cristiane Pinheiro Santos. *Laços & enlaces: relações de sujeitos escravizados. São Luís- Século XIX*. São Luís: EDUFMA, 2008.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão*. 3 ed. Revista e ampliada. São Luís: Edições AML, 2008.

MACHADO, Maria Helena Toledo. *O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição*. São Paulo: EDUSP, 1994.

MEIRELES, Mário Martins. *História do Maranhão*. São Paulo: Siciliano, 2001.

⁴ Jornais disponíveis na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL).

PEREIRA, Josenildo de Jesus. Na fronteira do cárcere e do paraíso: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista. 2001. Dissertação (Mestrado em História)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP.

RIBEIRO, Jalila Ayoub Jorge. *A desagregação do sistema escravista no Maranhão. (1850-1888)*. São Luís: SIOGE, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava. Brasil. Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOBRE A AUTORA

Régia Agostinho da Silva é doutora em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Recebido em 30/11/2014

Aceito em 06/12/2014